

ACM, um coronel sem poder

Denise Rothenburg e
Olimpio Cruz Neto
Da equipe do **Correio**

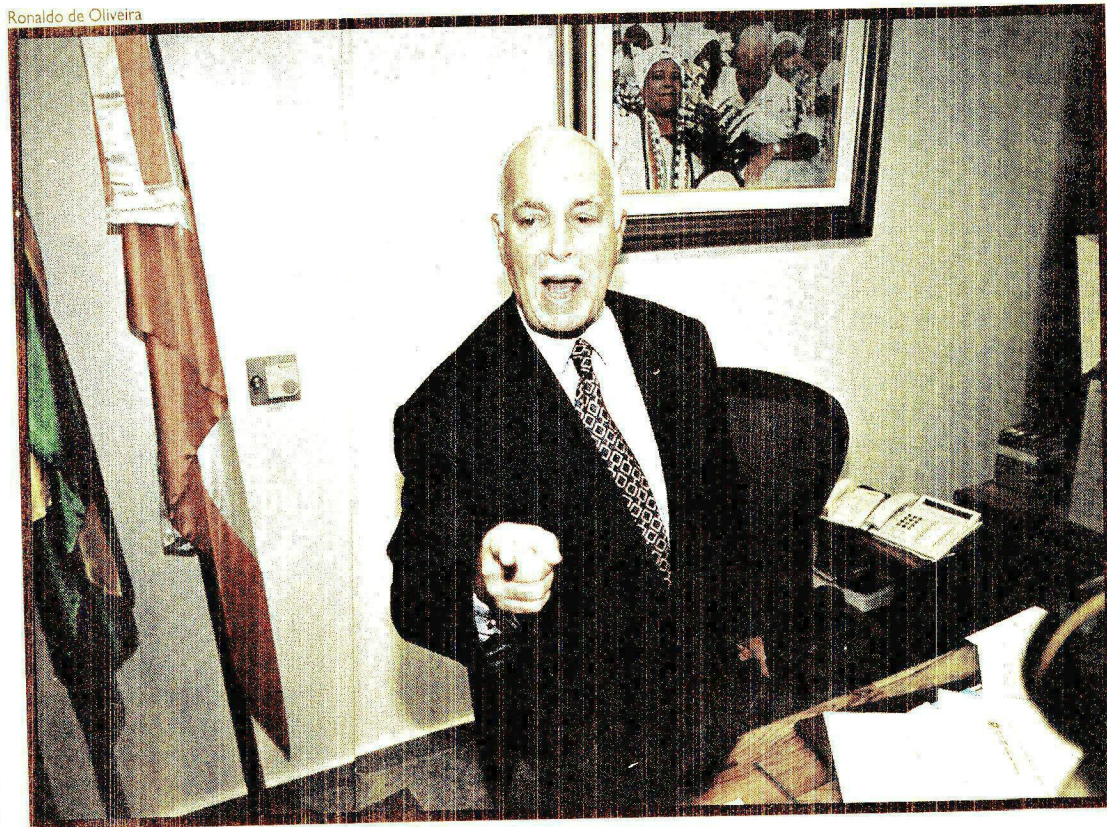
Na terça-feira, por volta das 20h, o presidente Fernando Henrique Cardoso telefonou para o governador do Mato Grosso, Dante de Oliveira. Queria falar-lhe sobre a crise de energia elétrica e o risco dos apagões. Mas, no meio da conversa, o presidente mandou o seguinte recado para o governador, tucano como ele. "Diga ao nosso homem no Conselho de Ética que ele está indo muito bem. E diga que ele não deve arrefecer", recomendou Fernando Henrique. O presidente não disse, mas Dante entendeu sobre quem ele estava falando. O "homem" era o senador Antero Paes de Barros. Paes é suplente do senador José Roberto Arruda (sem partido-DF), a quem está tentando substituir. Tem sido o mais duro oponente do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) no conselho. Os elogios feitos a Antero Paes de Barros são um claro recado. Fernando Henrique demonstra assim que não quer de forma alguma patrocinar acordos para salvar a pele de ACM. O episódio retrata a atual situação do outrora gigante Antonio Carlos Magalhães. O ex-todo-poderoso da República está em maus lençóis. Qualquer que seja o resultado do processo iniciado no Conselho de Ética, ele jamais será outra vez o ACM de antigamente.

O senador baiano sabe disso. Reflete, nos últimos dias, essa situação no seu semblante. Antonio Carlos perde peso. Ema-

graceu dois quilos e não se incomoda em dizer que isso não é consequência do diabetes: "Foi por causa da aporrinhção mesmo", comenta. Politicamente, está fômielo. Perdeu todo o estofo para vibrar o trombone contra o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), e as mazelas do governo. Recolheu a arrogância para que os aliados retirassem as assinaturas do requerimento da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Corrupção. Parou com os ataques diretos contra Jader e o presidente Fernando Henrique Cardoso. Cuida agora do voto em separado que os poucos aliados levarão ao Conselho de Ética, para contrapor ao relatório do senador Saturnino Braga (PSB-RJ).

ACM não esperava flores de Saturnino, tampouco imaginava ler a palavra "cassação" no parecer. Nunca pensou em seus 73 anos, mais de 50 de vida pública, que estaria exposto à situação atual: sob o risco de perder o mandato de senador. Antonio Carlos é hoje refém da série de erros que protagonizou nos últimos meses, desde que insistiu numa guerra sem fim contra Jader, mesmo depois de derrotado na escolha de seu sucessor para presidente do Senado. "O maior erro dele (Antonio Carlos) foi aquela reunião com os procuradores. Ele foi lá atrás de uma fita que poderia incriminar Jader no escândalo da Sudam", conta um político baiano, referindo-se ao encontro do senador baiano com três procuradores em fevereiro, depois da eleição de Jader no Senado.

Ronaldo de Oliveira



ANTONIO CARLOS: QUALQUER QUE SEJA O RESULTADO NO CONSELHO DE ÉTICA, ELE JAMAIS SERÁ O ACM DE ANTES

GRAMPEADO

Ele tinha ido até a procuradoria em busca das gravações telefônicas divulgadas recentemente pela imprensa e que fraudadores da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) citam o nome de Jader, mas não o envolve diretamente no escândalo. A, falou do voto da senadora Helisa Helena (PT-AL) como contrário à cassação Luiz Estevo (PMDB-DF). E, grampeado pelo procurador Luiz Francisco Souza, deu a senha para Jader cravar o painel e buscar vingança.

De lá para cá, Antonio Carlos se viu dentro de uma armadilha que começa a se fechar sobre ele. Perdeu, de saída, o apoio do governo e os ministros que indicara — o da Previdência, Waldeck Ornelas, e o das Minas e Energia, Rodolpho Tourinho. Logo depois, caíram os presidentes do Instituto Nacional de Seguridade Social, Clésio Andrade, e o da Eletrobrás, Firmínio Sampaio. Perdeu ainda o respaldo das organizações Globo, de Roberto Marinho. Começou a ser atacado nos noticiários e ridicularizado nos programas

humorísticos, coisa inimaginável no passado. Agora, começa a perder a influência sobre os seus colegas senadores, que, em conversas reservadas se dizem cada vez mais convencidos de que não vão ganhar nada preservando-o.

Ontem, Antonio Carlos procurava se mostrar animado, forte, um touro. Mas o cansaço e o emagrecimento eram visíveis. Ele chegou a dizer que seu crime "deve ter sido o de ter acusado ladrão demais". Realmente, ACM comprou briga com Jader, com ministros. Restou-lhe o apoio

dos baianos. Lá, confirmadas as recentes pesquisas eleitorais, seria reeleito.

Senador ou governador. Com larga vantagem: 75% pelo Vox Populi, enquanto seus adversários, juntos, somariam 15%. Ontem, ele disse não temer um linchamento porque tem "um lugar que se chama Bahia". E continuou: "Eu tenho votos e, talvez por isso, esteja sofrendo tanto". É o que lhe resta. Um tamanho bem menor para quem um dia sonhou ser presidente da República e conquistar o coração do Brasil.